

**LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**  
(Organizador)

# Educação: dilemas contemporâneos



Pantanal Editora

2020

LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA  
(Organizador)

**Educação:  
dilemas contemporâneos**



Pantanal Editora

2020

Copyright<sup>©</sup> Pantanal Editora  
Copyright do Texto<sup>©</sup> 2020 Os Autores  
Copyright da Edição<sup>©</sup> 2020 Pantanal Editora  
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora  
Edição de Arte: A editora  
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – (URCA)
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Ma. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Bel. Ana Carolina de Deus

Ficha Catalográfica

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	Educação [recurso eletrônico] : dilemas contemporâneos / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 183 p. : il. ; 14 x 21 cm
	Formato: PDF
	Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
	Modo de acesso: World Wide Web
	ISBN 978-65-990641-8-0
	DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786599064180">https://doi.org/10.46420/9786599064180</a>
	1. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. II. Título.
	CDD 370
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>.  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A educação é muito complexa para, em qualquer momento da história, existir sem dilemas. Por isso mesmo é que o debate e as reflexões sobre o tema são sempre presentes no meio acadêmico. Nesse contexto, a obra “Educação: dilemas contemporâneos” constitui-se de quinze capítulos, organizados com o propósito de contribuir com as discussões acerca das questões mais relevantes à educação nacional.

A escola, principal instituição da educação formal, é construída de forma histórica. Depois de existir por muito tempo apenas em função da elite brasileira, a escola passou a ser um bem garantido a todos os indivíduos – não sem muita luta. Antes disso, a classe mais pobre da sociedade não tinha espaço na educação formal. A escola pública e obrigatória para todas as pessoas só começou nos séculos XVIII e XIX.

Nesse contexto histórico que envolve a educação brasileira, a Constituição de 1988 contribuiu, significativamente, com a democratização do ensino. Contemporaneamente, por mais que avanços sejam nítidos, há muito ainda a ser organizado e democratizado na educação brasileira, em suas várias modalidades e níveis. A presente obra almeja contribuir com as discussões sobre a educação.

Esse livro contempla assuntos cruciais para a educação contemporânea brasileira; reflete-se sobre a educação inclusiva e o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, como surdez e cegueira; além disso, levanta-se uma discussão sobre a inclusão de alunos com altas habilidades e superdotação – tema muito pouco difundido no meio acadêmico.

As tecnologias influenciam o mundo de uma forma assaz severa. Nesse livro, trata-se do acesso à internet, uma das principais tecnologias novas, e também do acesso (ou impossibilidade de acesso) a outras tecnologias pelos professores. Nesse campo das novas tecnologias, insere-se a escola pública de tempo integral: modelo de educação no qual, para que haja aceitabilidade e eficácia no processo de ensino e aprendizagem, é inevitável o investimento expressivo em tecnologias e formação de professores. A educação em tempo integral é tema presente nessa obra, que também reflete sobre os estudos de gênero e a educação do campo no Brasil.

**Lucas Rodrigues Oliveira**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	4
<b>CAPÍTULO I</b> DESENVOLVENDO A AUTONOMIA DO APRENDIZ DE INGLÊS COM METODOLOGIAS ATIVAS .....	7
<b>CAPÍTULO II</b> NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO DOM BOSCO: PERCURSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM RIO BRANCO/ACRE.....	17
<b>CAPÍTULO III</b> APRENDER, RESPONSABILIZAR E APLICAR: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES SUPERDOTAÇÃO .....	26
<b>CAPÍTULO IV</b> DISCIPLINA E SEU ANTÔNIMO NA ESCOLA: UM DILEMA COTIDIANO .....	37
<b>CAPÍTULO V</b> ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO: O CASO DO IFRR / CAMPUS BOA VISTA ZONA OESTE .....	49
<b>CAPÍTULO VI</b> PICHON RIVIÈRE E BRUNER: APRENDIZAGEM, ENLACE, DILEMA E PROBLEMA EM TORNO DAS FORMAS SIMBÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE .....	56
<b>CAPÍTULO VII</b> A INTERNET: ENTRE A UTOPIA E A DISTOPIA .....	67
<b>CAPÍTULO VIII</b> FERRAMENTAS DIGITAIS PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE.....	83
<b>CAPÍTULO IX</b> APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA COMPREENSÃO DE TEXTOS MULTIMODAIS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	88
<b>CAPÍTULO X</b> OS ESTUDOS DE GÊNERO NO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS PEDREIRAS A PARTIR DA CRIAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE GÊNERO IFMA PEDREIRAS - LEGIP .....	96
<b>CAPÍTULO XI</b> REFLETINDO CONCEITOS, ATITUDES E PROCEDIMENTOS CONTRA A POLUIÇÃO SONORA: UMA ATITUDE SONORA SAUDÁVEL OU 'LIBERDADE' NA ESCOLA? .....	110
<b>CAPÍTULO XII</b> AGROECOLOGIA COMO CAMINHO PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	124
<b>CAPÍTULO XIII</b> AVANÇOS E DESAFIOS DA POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL.....	135
<b>CAPÍTULO XIV</b> EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE O SISTEMA EDUCATIVO MOÇAMBICANO .....	158

**CAPÍTULO XV**


**ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL  
ESPECIALIZADO VISANDO A AUTONOMIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL..... 173**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 182**

# Disciplina e seu antônimo na escola: um dilema cotidiano

Recebido em: 24/03/2020

Aceito em: 01/04/2020

 10.46420/9786599064180cap4

Lourenço Resende da Costa<sup>1\*</sup>

Lucimara Koss<sup>2</sup>

## INDRODUÇÃO

No início de 2019, realizamos, a partir de um *software* do *google*<sup>3</sup>, uma pesquisa com professores e professoras a respeito da questão da (in)disciplina nas escolas e as possíveis táticas de enfrentamento da questão. Dos docentes que responderam as questões do formulário, 63 (96,9%) atuam na rede pública e 2 (3,1%) trabalhavam na rede privada de ensino. São docentes de diversas disciplinas e não raramente atuam em mais de uma conforme a Figura 1.

A consulta foi realizada tentando não se restringir a professores de uma única disciplina, conforme fica explícito na Figura 1. O intuito foi fazer o levantamento com educadores que de um modo geral compõem a grade curricular tanto do Ensino Fundamental Anos Finais, bem como do Ensino Médio. Claro que sem desconsiderar que cada região, estado ou município pode elaborar grades curriculares atendendo suas especificidades.

Mas, de um modo geral, as “matérias” e/ou área de atuação elencadas estão presentes na maioria dos currículos escolares do Paraná, onde atuam os docentes colaboradores da

---

<sup>1</sup> Colégio Estadual do Campo Imaculada Conceição, Prudentópolis, Paraná, Brasil. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Professor pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED.

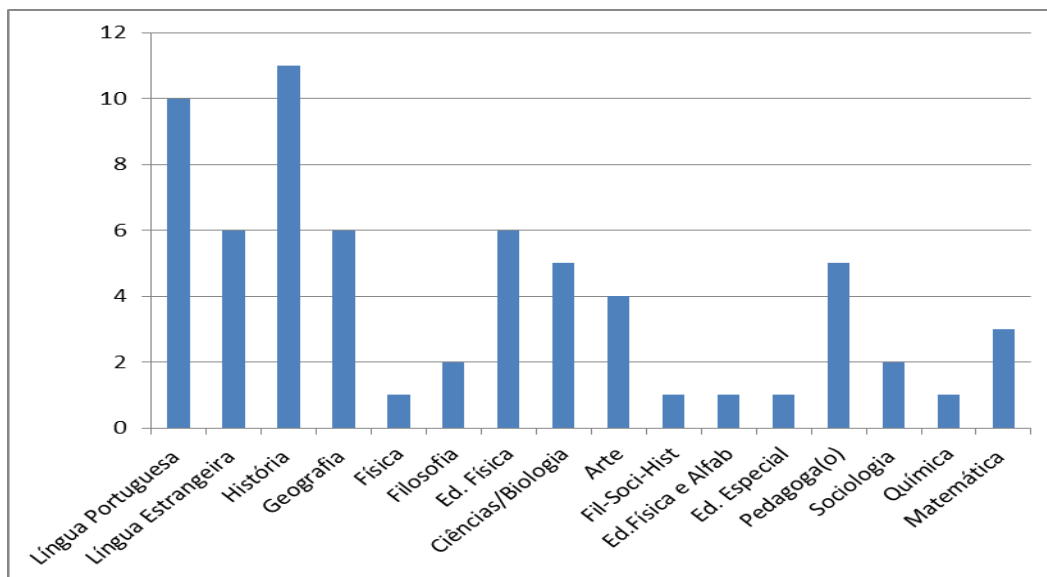
<sup>2</sup> Colégio Estadual Artur da Costa e Silva, Ivaí, Paraná, Brasil. Doutora e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Licenciada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Professora de História e Sociologia pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED.

\* Autor de correspondente e-mail: resendedacosta@gmail.com.

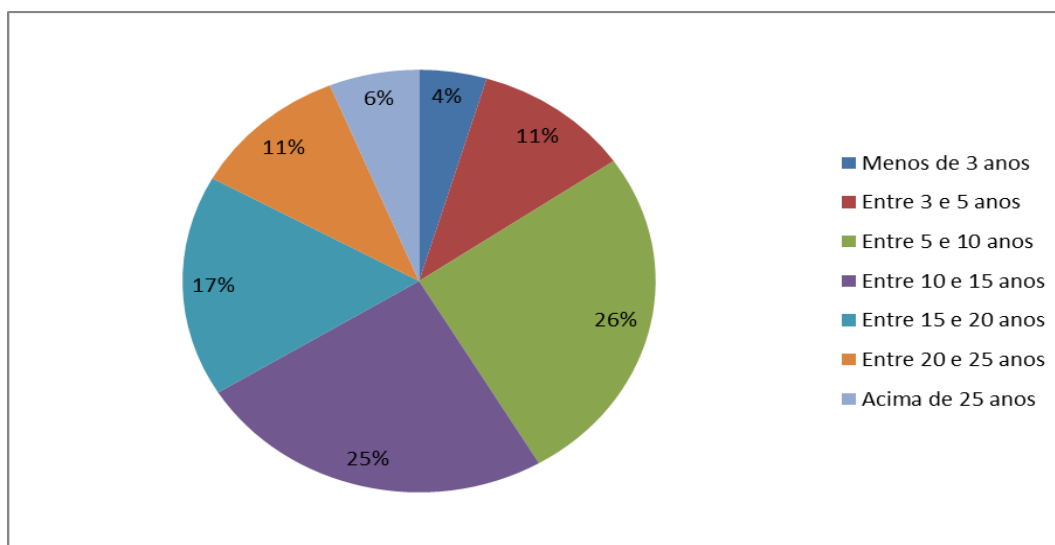
<sup>3</sup> <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. O *software* pode ser acessado por qualquer computador com acesso à internet e permite que diferentes levantamentos sejam feitos. Tanto com a identificação dos colaboradores da pesquisa como de modo anônimo. Optamos por uma colaboração anônima, para tanto enviamos o link para professores e professoras da nossa lista de contatos, uma vez que como docentes a alguns anos, atuando em diferentes escolas, conhecemos muitos profissionais.



pesquisa. Ainda que possa haver combinações e carga horária diferente, essas *matérias* estão presentes nos sistemas educacionais de outras unidades da federação, não se restringem à rede paranaense de educação.



**Figura 1.** Disciplinas de atuação dos(as) docentes consultados(as)<sup>4</sup>.  
Fonte: Elaborado pelos autores.



**Figura 2.** Tempo de docência dos(as) professores(as) consultados(as)  
Fonte: Elaborado pelos autores.

<sup>4</sup> Cada coluna do gráfico representa o total de docentes consultados em cada disciplina e não a porcentagem. Em algumas colunas consta mais de uma disciplina, pois a pergunta lançada aos educadores foi “Qual sua principal disciplina de atuação?” e em alguns casos, que não são raros, professores (as) atuam em mais de uma disciplina.

A Figura 2, assim como a primeira, representa as 65 pessoas que colaboraram com a pesquisa<sup>5</sup>. A esmagadora maioria dos profissionais atua a mais de 5 anos e a menos de 20 anos (68% se encaixa nesse íterim). Mas, o grupo que trabalha a mais de 20 anos não é desprezível (17%).

A partir desses dados, é possível aventar que esses profissionais da Educação já vivenciaram inúmeras situações em que a disciplina e seu antônimo estiveram em pauta. Mesmo aqueles e aquelas que atuam a menos de 5 anos na área já se depararam com momentos em que a indisciplina era a característica que definiria alguma turma ou algum estudante específico.

## A DISCIPLINA E SEU ANTÔNIMO

A indisciplina nas salas de aulas no Brasil, problema que não se restringe às escolas brasileiras, é algo que afeta diretamente o trabalho de docentes e prejudica o processo de ensino-aprendizagem. Mas, a própria detecção e/ou definição de comportamentos indisciplinados não é algo simples se a questão for analisada de uma forma mais aprofundada. A desobediência a uma norma ou a inobservância de regras do estabelecimento permite que educadores identifiquem um ato *indisciplinado*. Mas, uma escola que objetive uma formação integral, uma educação para a vida, como muito comumente se diz, não pode se limitar à mera constatação do comportamento transgressor e à aplicação da sanção prevista.

Caso a escola opte por tal procedimento, tal postura pode ser comparada ao paciente que toma analgésico para dores de cabeça sem saber o motivo. Momentaneamente a dor cessará, mas muito provavelmente ela voltará, porque foram tratados os sintomas e não a causa. A indisciplina, portanto, muitas vezes é apenas um sintoma.

Assim como a febre que precisa ser reduzida imediatamente para um patamar de normalidade, o comportamento que descumpre condições para o bom funcionamento da escola precisa ser coibido. Mas, mais importante que isso é diagnosticar a causa de tal atitude. Eis um grande desafio pedagógico e da gestão escolar, pois a própria definição do que é disciplina e seu antônimo não é algo universal (La Taille, 1996).

Além disso, ficar restrito aos sintomas, para continuar na metáfora clínica, pode fazer simplesmente da escola reprodutora de uma ideologia dominante que cerceia tudo que é diferente e/ou que não se encaixa na norma vigente. Até porque, segundo Guimarães (1996), a escola busca a planificação e a homogeneização e estas se dão a partir de mecanismos disciplinares “que esquadrinham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos

---

<sup>5</sup> O formulário *on-line* foi enviado para cerca de 100 educadores, 65 responderam o questionário.

alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade” (Guimarães, 1996).

A busca da docilidade dos corpos e seu total controle pelas instituições de poder já foi alvo das análises sistemáticas de Michel Foucault (1986) que comparava a escola com outras instituições, entre elas a prisão e o hospital. A hierarquia que caracteriza tais locais permite que haja uma vigilância mútua e, no caso dos estabelecimentos de ensino, o professor não é o ponto máximo da cadeia hierárquica (Oliveira; Heuser, 2019). Não se pode esquecer que, na perspectiva foucaultiana, o poder é exercido por todos. Em determinadas situações o aluno está submetido ao poder do professor, diretor ou equipe pedagógica, mas em outro momento ele o exerce sobre um colega mais tímido da sala ou sobre um estudante menor de outra turma. Dito de outra forma, a escola não é apenas vítima da violência macroestrutural do Estado, ela também produz suas próprias atitudes de violência que podem produzir indisciplina (Guimarães, 1996).

Nesse ponto é fundamental o olhar atento da gestão para perceber se a escola está ou não, em nome de uma suposta disciplina, apenas reproduzindo ou refletindo as desigualdades sociais, pois muitas vezes ela “é sim negadora dos valores dominados e, em certo sentido, legitimadora da injustiça social” (Paro, 2016).

Até porque o ambiente escolar é um espaço, na perspectiva ceretoniana, em que os atores sociais que ali circulam o transformam. A escola tanto pode ser espaço de aprendizado, de socialização, de conflitos, ainda que conflitos em um sentido positivo, como também pode ser um local de reprodução e prática de violência física, simbólica, de gênero, etc. O espaço, ao contrário do lugar, não é fixo, ele é um cruzamento de *móveis* (pessoas, ideias, sentimentos). As pessoas que *praticam* esse ambiente, que o vivenciam cotidianamente é que darão ao espaço seu significado (Certeau, 1994).

Por se tratar de um ambiente tão dinâmico e que pode ter múltiplos significados para as pessoas que o praticam, sobretudo docentes e discentes, é que a escola e as ações que se têm em tal ambiente são difíceis de serem classificadas. Tão pouco é possível determinar uma única motivação para um ato considerado indisciplinado: “O educando, como o educador, é caracterizado pelas múltiplas determinações da realidade. Ou seja, é um sujeito ativo que, pela ação, ao mesmo tempo se constrói e se aliena” (Luckesi, 1994).

Mas, quando se analisa a História da Educação no Brasil, é possível perceber que as reformas educacionais foram, na maioria das vezes, pensadas e executadas sem levar em consideração a esmagadora maioria da população (Ghiraldelli, 1990), sendo assim a escola brasileira tem historicamente uma dificuldade muito grande em lidar com a diferença. Por

isso a indisciplina pode ser um sintoma de que o ambiente escolar precisa ser repensado por educadores, principalmente os que cuidam especificamente das questões pedagógicas - professores(as) e equipe pedagógica - e pela gestão.

Os atos indisciplinados podem ter relação direta com os métodos educativos utilizados pelos docentes, pois em uma sociedade que muda em velocidade cada vez maior é imprescindível que os educadores estejam atentos ao seu público e sua prática. Sem esquecer que cada escola possui suas especificidades, procedimentos adotados em um local podem não funcionar em outro. A indisciplina pode ser um recado dos educandos de que as atividades precisam ser repensadas (De Rose, 1999).

Mas, uma armadilha que toda escola e todos (as) os (as) docentes devem evitar é atribuir a indisciplina a uma causa individual e principalmente não pensar que a busca por uma solução é pessoal. Evidentemente que cada educador (a) possui autonomia sobre sua aula e sobre sua prática pedagógica, mas, sem terceirizar responsabilidades, a busca por um ambiente adequado ao processo de ensino-aprendizagem deve ser buscado coletivamente. Não somente o professor e não apenas o diretor (Hendrickson; Gable; Leszczynski; 1999).

As condutas ditas e/ou classificadas como inadequadas, portanto indisciplinadas, podem nascer da competição imposta pela sociedade capitalista que impõe o discurso da meritocracia. Aqueles estudantes que não conseguem atingir os índices de notas e se percebem em via de uma reprovação de ano/série podem se revoltar contra o sistema. A escola, sem perceber, reproduz a lógica de mercado. Nos casos em que percebe, ela se sente impotente para promover uma mudança, sendo assim a competição acaba marcando e sendo a face do modelo educacional no Brasil: “Nesse cenário, a escola pública cujos rumos são definidos pela classe política dominante, fica refém do sistema e funciona como mera reprodutora da sociedade de classes, quando deveria ajudar a subverter a ordem, trazendo a classe trabalhadora para o protagonismo” (Iulek, 2020).

Dentro dessa escola tão multifacetada, em que atores sociais oriundos das mais variadas realidades socioculturais se relacionam, é que ocorrem contatos que tanto podem favorecer como dificultar um convívio saudável em todos os seus aspectos. Importante ressaltar que a escola sendo um espaço, na definição de Michel de Certeau (1994), não é possível controlar o modo como as pessoas vivenciam esse ambiente. Portanto, pode ser um local de preconceitos e *bullying*, tanto de discentes como de docentes.

Os preconceitos em sala de aula, bem como em outros lugares de circulação de pessoas nos estabelecimentos escolares, são recorrentes: preconceitos quanto à origem geográfica, sotaque, cor da pele, orientação sexual, necessidades especiais, entre outros, são

mais recorrentes do que se imagina (Silva, 2016). Aí vem a questão: a) um (a) estudante que em razão de *bullying* em virtude do seu modo de falar (sotaque) ou em razão da sua orientação sexual diferente da heterossexual, que na adolescência pode ficar explícita; b) por conta disso se torna agressivo (a) com colegas e professores; c) porventura não faz as atividades ou ainda foge da escola antes da última aula, ele (a) é apenas alguém indisciplinado (a)?

Se não soubermos a causa do ato “indisciplinado”, vamos tratar apenas do sintoma e o problema não será resolvido: “Portanto, tenhamos cuidado em condenar a indisciplina sem ter examinado a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados” (La Taille, 1996). O autor ressalta que é legítima a reação diante de uma injustiça sofrida e que há atos de indisciplina que podem ser considerados morais quando ocorrem em decorrência de uma humilhação.

No que se refere às identidades de raça, gênero e sexualidade a escola se torna um espaço de conflito, pois tudo que foge ao que é tido como “normal” em algum momento será alvo de confronto ou de represália (Sene, 2018). Mas, embora a escola seja considerada um ambiente democrático, há nesse local muitos preconceitos explícitos e velados, conforme apontado por Silva (2016), que podem desembocar em reações que analisadas fora do contexto sejam caracterizadas apenas como falta de disciplina.

Sendo o espaço escolar um ambiente de conflitos, não podemos esquecer que a Educação como direito de todos e como dever do Estado e da Família é algo relativamente recente na história do Brasil. Apenas a partir da Constituição de 1988 é que, em seu artigo 205 (Brasil, 2018), ficou definida tal questão, as escolas brasileiras passaram a receber um contingente de estudantes que até então não tinha acesso ao ensino. Portanto, novas realidades passaram a coexistir no ambiente estudantil o que aumentou a complexidade do papel do professor, da escola e da Educação de um modo geral.

A própria política educacional, na tentativa de fazer com que a Constituição de 1988 fosse cumprida, produziu de certo modo um ambiente pedagógico com tendência à homogeneização e com pouco espaço para a diversidade. Nos anos 1990 o governo federal elaborou uma série de dispositivos legais para nortear a Educação e embora no discurso houvesse a alegação que não era algo obrigatório, na prática era quase impossível para o docente fugir do que era estabelecido pelo Ministério da Educação - MEC (Ramos, 2013). Todo o material didático elaborado pelo governo e editoras do setor educacional, bem como as avaliações externas, era feito a partir de tais parâmetros. O docente que lecionasse fora das orientações do MEC ficava com todo o ônus, pois teria que produzir seu próprio material

didático e poderia ser responsabilizado se seus alunos não obtivessem boas notas nas avaliações externas.

Isso demonstra que a escola, em tese, é um local democrático, na prática sofre para que isso se concretize. O espaço escola ainda é um local em que pensar diferente, portar-se de maneira diversa, pode gerar problemas e tudo ser enquadrado apenas como indisciplina. Evidentemente que não estamos querendo colocar toda a responsabilidade nos ombros dos professores, conforme os governos no Brasil costumam fazer. Não fazem investimentos na área e, quando os resultados não aparecem, culpam apenas os docentes; que, além da sala de aula, precisam administrar uma série de situações que não possuem relação direta com o processo de ensino-aprendizagem. Queremos enfatizar tão somente que disciplina não é sinônimo de aprendizagem e sucesso escolar, e indisciplina não significa que sempre o educando está errado. A análise é bem mais complexa.

### **INDISCIPLINA: UM DILEMA COTIDIANO**

A prova ou a evidência de que o enfrentamento da situação não possui um manual a ser seguido pode ser vislumbrada na tabela 1, elaborada a partir da questão: “Em uma turma com muitos alunos e com problemas sérios de indisciplina (conversas paralelas à aula, não entrega de trabalhos e negativa em fazer atividades, bagunça, bullying entre os colegas, etc;) qual seria a PRIMEIRA atitude, no âmbito da escola, a ser tomada visando a melhoria das condições de trabalho e principalmente a melhora do processo de ensino e aprendizagem?”. A tabela possibilita perceber que cada docente possui uma visão do modo de gerir a situação, independentemente do tempo de docência ou da disciplina em que atua.

É possível constatar, a partir da tabela abaixo, que as táticas de enfrentamento da situação são múltiplas. Por um lado isso é positivo, pois a solução que se mostra adequada em determinada turma e/ou escola não é a mais acertada em outra. Demonstrando que o processo de ensino-aprendizagem é complexo e que não são uníssonas as implicações em torno do trabalho docente. Três táticas apontadas na tabela chamam a atenção pelo número de docentes que apontaram tal procedimento.

A primeira diz respeito à realização de um mapa de turma (11 docentes ou 16,9%), nessa ação é estabelecido o lugar que o discente vai se sentar na sala sem que possa mudar. Com isso o intuito, muitas vezes, é separar alunos que conversam demais e assim aumentar o controle do professor sobre a turma. Em alguns casos a ação é bem sucedida e proporciona bons resultados, pois uma turma mais focada consegue aprender mais. No entanto, essa atitude frente à turma não possui uma mudança de postura pedagógica mais profunda e pode

mascarar uma pseudo aprendizagem. O mapa de turma se restringe muito mais ao controle do corpo, conforme Michel Foucault já apontava quando analisava a postura disciplinadora da sociedade moderna (Foucault, 1986).

**Tabela 1.** Táticas de enfrentamento da indisciplina em sala de aula<sup>6</sup>.

<b>Táticas</b>	<b>Número de docentes que apontaram tal procedimento</b>	<b>%</b>
Fazer mapa de turma	11	16,9
Realizar remanejamento de turma ou turno	2	3,1
Convocar os pais dos alunos para uma reunião	18	27,7
Convocar reunião do Conselho Escolar para pautar a questão	7	10,8
Solicitar ao Núcleo de Educação palestras com educadores sobre a temática	1	1,5
Professores refazer todo o planejamento e rever a metodologia de modo a ter subsídios no enfrentamento	20	30,8
Reduzir alunos de turma	1	1,5
Conversar primeiramente com os alunos depois com os pais	1	1,5
Diminuir o número de alunos por turma e promover o lúdico em sala de aula	1	1,5
Promover para toda a comunidade escolar círculos restaurativos/reflexivos através da escuta qualitativa, comunicação não violenta	1	1,5
Atuar junto com a equipe pedagógica em cada ponto específico	1	1,5
Conversar com os alunos que estão atrapalhando é a primeira atitude	1	1,5

Fonte: Elaborada pelos autores.

A segunda, “convocar os pais dos alunos para uma reunião” (18 docentes ou 27,7%), é de suma importância, pois a escola não é uma ilha e sofre com as influências externas, assim como internamente provoca as suas reviravoltas: discentes e docentes provocam transformações mútuas, pois são frutos do meio social. (Luckesi, 1994). No entanto, essa reunião não tem poder de mudar os rumos da sala de aula, pois os pais e/ou responsáveis não serão quem vai comandar o processo de ensino-aprendizagem na escola.

A terceira tática apontada na Tabela, “Professores refazer todo o planejamento e rever a metodologia de modo a ter subsídios no enfrentamento” (20 docentes ou 30,8%),

<sup>6</sup> As táticas apontadas na coluna da esquerda são, em parte, aquelas que nós elencamos como possíveis maneiras de proceder, mas há na tabela procedimentos que os docentes acrescentaram, pois o formulário elaborado no *software* possibilitava que fossem inseridas outras possibilidades além das previamente estipuladas.

é sem dúvida, do ponto de vista pedagógico, a ação mais importante. Mas, não podemos colocar sobre os ombros desses profissionais toda a responsabilidade, pois a escola acaba resolvendo muitos conflitos com origem fora do âmbito escolar/pedagógico. Nesses momentos a “escola” não se furta de agir, porém não há contrapartida, muitas vezes, quando docentes buscam apoio para resolver problemas pedagógicos, mesmo aqueles que sofrem interferência externa direta. Docentes, direção e equipe pedagógica precisam assumir suas funções (e de fato assumem na imensa maioria dos casos), mas não devem aceitar cobranças daquilo que não lhes compete:

Mesmo se os educadores estivessem corretos em suas crenças, não seria o caso de a escola assumir funções do cuidado familiar. Isso porque não é possível supor que os profissionais da educação possuam um aparato teórico-técnico eficaz o bastante para dar conta de atribuição de tal monta. Se conseguem fazê-lo isso se dá por efeito colateral, uma vez que seu âmbito de atuação é reduzido e bastante específico. À escola cabe tão somente a prerrogativa do trabalho de (re) construção do legado cultural – fazendo isso com competência, o resto será consequência (Aquino, 2003).

**Tabela 2.** Quais seriam os problemas externos que podem estar na origem dos problemas de indisciplina?

<b>Problema</b>	<b>Número de docentes que apontaram tal problema</b>	<b>%</b>
Salas lotadas	11	16,9
Ausência de políticas públicas voltadas aos jovens no período em que estão fora da escola	22	33,8
Falta de investimento na estrutura da escola	2	3,1
Desigualdade social	12	18,5
Falta de perspectiva em relação ao mercado de trabalho	13	20
Outros	5	7,5

Fonte: Elaborada pelos autores.

Assim como a busca dos modos de contornar os problemas disciplinares, visando a melhoria do ensino-aprendizagem, é múltipla, também são inúmeros os fatores que interferem no trabalho diário dos (as) professores (as). A Tabela 2 serve para vislumbrar algumas das implicações originadas externamente à escola e que prejudicam todo o trabalho docente. Salas lotadas é um problema externo à escola? Sim! Se fosse um problema interno, a direção e equipe pedagógica abriria uma nova turma e o problema estaria solucionado. No entanto, a resolução dessa situação está em uma instância superior. Abrir nova turma implica na contratação de mais professores, disponibilidade de sala, etc. No Brasil, infelizmente, a maior parte dos governos enxergam isso como um gasto e não como investimento.

A Tabela acima (e tudo que foi discutido até aqui) precisa ser considerada a partir de uma perspectiva mais ampla, ou seja, a escola não existe isoladamente. Embora ela não



seja mero reflexo social, apresenta muitos aspectos das comunidades de onde são oriundos seus estudantes.

(...) é preciso evitar a tentação fácil na qual caem os educadores, muitos economistas e analistas aligeirados, e principalmente nós gestores, de enfrentar as dificuldades de nossas tarefas sem distribuí-las com os demais atores sociais que fazem parte da solução (...). A escola brasileira – assim dizem quase todas as pesquisas estampadas nas primeiras páginas dos jornais – é de péssima qualidade, pois produz analfabetos funcionais, e seus rendimentos matemáticos, linguísticos e científicos encontram-se entre os menores do mundo. Ora, essa missão, que é nossa de verdade, é intransferível nessa hora, mas compartilhada em outras. É dessa armadilha que, como gestores, devemos escapar (Almeida, 2007).

Seguindo o que foi escrito por Almeida (2007), citado acima, bem como o alerta feito por Aquino (2003) mencionado anteriormente, o trabalho na escola precisa ser feito a partir de uma profunda reflexão sobre teoria/metodologia/prática. Feito isso, poderemos, como educadores, desempenhar nosso papel e termos ciência daquilo que é nossa atribuição em uma sala de aula. Da mesma forma, teremos condições de questionar e não aceitar atribuições/funções/incumbências que não são nossas, mas que a sociedade de modo geral e principalmente o poder público naturalizou como sendo responsabilidade pedagógica. Sem ser de fato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O combate/enfrentamento da indisciplina, com objetivo de melhora do processo de ensino-aprendizagem, começa pelo exercício de autoavaliação da prática pedagógica e do ofício da docência. Lembrando sempre que professores (as) trabalham com pessoas que são diferentes, e nenhuma tática é universal e o que servia em determinada época ou contexto, muito provavelmente não vai surtir os mesmos efeitos em outros tempos e ambientes. Mas, uma coisa é certa: a profissão de professor (a) exige reflexão constante a partir da teoria e da prática (não necessariamente nessa ordem).

Seguindo aquilo que Almeida (2007) e Aquino (2003) pontuaram, é fundamental que se tenha clareza daquilo que é papel do (a) professor (a) e da escola para o desenvolvimento de um bom trabalho educacional. Mas, não se restringe a isso. É essencial esse discernimento e clareza do que é a docência para que possamos cobrar da sociedade e do poder público sua contrapartida. Abrir mão do seu protagonismo a escola jamais abrirá, mas também não deve assumir responsabilidades que não são suas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida FJ (2007). A gestão de uma escola nos tempos das novas tecnologias. In: Scholze L, Almeida FJ, Almeida MEB (Orgs). *Escola de gestores da educação básica: relato de uma*

- experiência*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 243p.
- Aquino JG (2003). *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna. 95p.
- Brasil (2018). *Constituição da República Federativa do Brasil* [recurso eletrônico]. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2018. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em 16/07/2018.
- Certeau M (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes. 320p.
- De Rose JCC (1999). Explorando a relação entre ensino eficaz e manutenção da disciplina. In: Sobrinho FPN, Cunha ACB (Orgs). *Dos Problemas Disciplinares aos Distúrbios de Conduta: Práticas e Reflexões*. Rio de Janeiro: Qualitymark. 224p.
- Foucault M (1986). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 280p.
- Ghiraldelli JR P (1990). *História da Educação*. São Paulo: Cortez. 240p.
- Guimarães AM (1996). Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: Aquino JG (Org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus. 152p.
- Hendrickson JM, Gable RA, Leszczynski SAC (1999). Recomendações para ensinar alunos com problemas de comportamento em situações de sala de aula. In: Sobrinho FPN, Cunha ACB (Orgs). *Dos Problemas Disciplinares aos Distúrbios de Conduta: Práticas e Reflexões*. Rio de Janeiro: Qualitymark. 211p.
- Iulek JM (2020). A escola pública e seus desafios: uma reflexão a partir da gestão escolar no município de Prudentópolis/PR. In: Costa LR, Silva JJ, Kraiczek FL (Orgs). *Diálogos educacionais: perspectivas contemporâneas*. São Paulo: Todas as Musas. 240p.
- La Taille Y (1996). A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: Aquino JG (Org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus. 152p.
- Luckesi CC (1994). *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez. 184p.
- Oliveira EAS, Heuser EMD (2019). A escola enquanto dispositivo disciplinar: uma investigação a partir dos estudos de Michel Foucault. In: Antunes J, Costa LR, Prado A. *Foucault e histórias de poder*. São Paulo: Todas as Musas. 194p.
- Paro VH (2016). *Gestão democrática da escola pública*. 4ª ed. São Paulo: Cortez. 144p.
- Ramos MET (2013). Política cultural da revista Nova Escola e as apropriações dos professores de História. In: Sochodolák H, Arias Neto JM (Orgs). *Ensaio de História política e cultural*. Guarapuava, PR: Ed. da UNICENTRO. 272p.

- Sene RAR (2018). (Des)construção das identidades de raça, gênero e de sexualidade no discurso das/os estudantes nas aulas de língua inglesa. In: Costa LR, Silva JJ, Koss L (Orgs). *Fragmentos de identidade e cultura*. São Paulo: Todas as Musas. 324p.
- Silva CA (2016). Manifestações de preconceitos no interior de processos educativos: o que as pesquisas educacionais revelam sobre a realidade educacional brasileira? In: Fontineles CCS, Marques ESA, Araújo FAM (Orgs). *Pesquisa & Educação: história, formação e gestão educacional*. Teresina, PI: EDUFPI. 474p.

## ÍNDICE REMISSIVO

---

### A

agroecologia ..... 6, 7, 8, 9, 10, 14  
altas habilidades ...6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13,  
14, 15  
Anísio Teixeira.7, 8, 10, 11, 12, 15, 18, 20,  
22  
aprender fazendo.....7  
aprendizagem 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 7,  
8, 11, 12, 13, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 8, 10,  
12, 13, 14, 15, 6, 7, 10, 11, 6, 7, 9, 10,  
11, 12, 13, 14, 15, 7, 8, 11, 6, 7, 8, 10,  
12, 15, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 9, 19, 7,  
10, 11, 12  
baseada em equipe..... 11, 12, 13  
significativa ..... 8  
autonomia do aprendiz..... 10

---

### C

cognitivo.. 12, 9, 15, 6, 7, 11, 12, 13, 12, 7,  
24  
colonialismo ..... 10, 11, 12, 13, 15  
construção de conhecimento... 6, 7, 9, 13,  
7, 10, 11, 14, 10, 13, 17, 18  
costumes..... 7  
cultura ..6, 7, 11, 12, 13, 9, 8, 9, 12, 13, 17,  
19, 9, 14

---

### D

deficiência intelectual.. 16, 7, 9, 10, 11, 12,  
13  
deficiência visual...6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13  
democracia ..... 11  
disciplina ..... 6, 7, 8, 9, 11, 12, 6, 10, 11, 8  
distopia..... 6, 7, 9, 12, 13, 16, 20  
docência..... 7, 12, 15, 7

---

### E

educação ..... 6  
inclusiva.....16, 7, 8, 11, 12, 6, 10, 12  
especial .....10, 11, 6, 7, 8, 10, 11, 12  
básica ..... 10  
profissional .....9, 6, 9

educador.....12, 9, 10  
ensino .... 6, 8, 6, 7, 9, 6, 9, 14, 17, 8, 15, 8,  
10, 15  
colaborativo..... 7  
escola(s)  
especial..... 7  
pública.. 11, 12, 10, 6, 13, 11, 13, 15, 16  
de tempo integral ...6, 8, 13, 14, 15, 16,  
17, 18, 20, 21, 22, 24  
Espanhol ..... 6, 11  
estratégias...8, 9, 11, 14, 7, 8, 9, 10, 11, 16,  
6, 8, 11, 6, 8, 14, 16, 17, 8  
estudante ..... 12, 8, 9, 11, 14, 12, 7  
experiência na educação..... 7

---

### F

formação  
continuada .12, 13, 11, 6, 7, 8, 9, 10, 15,  
21, 23  
competências..... 9  
integral.....8, 6, 7, 11, 13, 15, 17, 18, 20,  
21, 22, 23  
formas simbólicas6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14,  
15  
FRELIMO .....12, 13, 14, 15, 19

---

### G

gênero..9, 11, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14,  
16, 17, 18  
grupo operativo.....7, 10, 14

---

### I

identidade..... 12, 6, 9, 10, 11, 13, 18  
inclusão 7, 10, 12, 6, 12, 14, 15, 6, 7, 8, 10,  
11, 14, 9, 6, 8, 10, 13  
indisciplina . 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 13  
instituições especializadas ..... 11  
Instituto Federal..... 6, 7, 6, 7, 14  
Internet..... 6, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18,  
19, 20

---

### J

José Moran..... 10

---

**L**

LIBRAS ..... 7, 9, 10, 11  
língua inglesa ..... 6, 10, 11, 12, 13

---

**M**

Maranhão ..... 6, 7, 14  
metodologias ativas ..... 6, 9  
mobilidade ..... 9, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13  
Moçambique . 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15,  
18, 19

---

**N**

novas tecnologias ..... 6, 10

---

**P**

planejamento. 6, 9, 14, 15, 13, 16, 7, 9, 11,  
17, 7, 9, 8  
podcasts ..... 11  
políticas públicas 7, 10, 14, 18, 15, 6, 7, 9,  
13, 6, 8, 9, 12, 13, 14, 20, 24  
poluição sonora .6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14,  
15, 17  
pós-modernidade ..... 8  
prática pedagógica ..... 10, 15, 10, 6, 7

professor ..... 6, 14, 7, 9, 10, 11, 12, 7

---

**S**

sala de aula  
heterogênea ..... 7  
invertida ..... 11  
sala de recurso multifuncional ..... 12  
saúde do professor ..... 11  
senso de plausibilidade ..... 9  
signos ..... 7, 8  
superdotação..6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14,  
15  
surdo ..... 6, 7  
sustentabilidade ..... 10, 15

---

**T**

tecnologia ..... 6  
tecnologias digitais de informação e  
comunicação ..... 9  
tempo escolar ampliado ..... 24  
teorias de ensino e aprendizagem ..... 6

---

**U**

utopia ..... 6, 7, 9, 11, 16

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul.

Contato: [lucasrodrigues\\_oliveira@hotmail.com](mailto:lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com).

ISBN 978-659906418-0



Pantanal Editora  
Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)